

6-2004

Inícios da Missão Espiritana na Bolívia

Adalberto Ferizini

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Ferizini, A. (2004). Inícios da Missão Espiritana na Bolívia. *Missão Espiritana*, 5 (5). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol5/iss5/7>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

inícios da missão espiritana na bolívia

O objectivo do artigo é apresentar as primeiras impressões da nossa missão espiritana em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia. Para uma melhor compreensão, primeiro apresentam-se, em poucas linhas, alguns dados estatísticos. Depois fala-se da realidade actual da Igreja de Santa Cruz, tendo como referência o documento do II Sinodo Arquidiocesano, concluído em Setembro de 2001.

1. Dados Estatísticos

Bolívia faz parte dos países que compõem a América do Sul. Está localizado bem ao centro, cercado por Perú, Chile, Argentina, Paraguay e Brasil. É o segundo país em extensão territorial, depois do Brasil. Sua população é estimada em 8,5 milhões de habitantes. Mais da metade é indígena, isto é, 61,5%. Portanto tem uma identidade multicultural e multi-étnica. A língua oficial é o espanhol, mas cerca de 20% só falam a língua de origem: Quechua ou Aymara. Apresenta uma estrutura de população jovem; os menores de 18 anos representam 47,7% e a população, acima 65 anos, representa apenas 4%. Economicamente 70% das famílias são pobres.

2. Exclusão social

A Bolívia tornou-se Estado independente no ano 1825. Desde sua fundação como Estado que o poder esteve nas mãos duma elite. O primeiro grupo a assumir o poder foi os denominados “criollos”, originários da mistura de espanhol com os povos nativos. A sua linha de acção foi a continuidade do modelo de dominação colonial (1825-1879). Mais tarde, o Estado oligarca (1880-1952) praticou uma exclusão social legal e uma democracia que não considerou cidadãos a maioria da população. A Re-

* Adalberto Ferezini, missionário espiritano, da Província do Brasil, um dos membros da primeira comunidade espiritana na Bolívia

volução de 1952, enquanto projecto tinha como objectivo incluir os setores populares no Estado, mas, na verdade, os acontecimentos serviram para consolidar no poder um novo grupo de elite - militar-empresarial. O Estado militar-empresarial, baseado na doutrina de Segurança Nacional subordinado aos alinhamentos norte-americanos (1971-1982), expressou os interesses transnacionais e a sua prática de repressão e desintegração dos setores sociais excluídos. O modelo Nacionalista Revolucionário tentou um último retorno no ano 1982, mas a crise económica e de representatividade política era irreversível. A imposição do Estado Neoliberal vigente desde agosto de 1985, significou a consolidação da exclusão social. Na verdade, o Estado Boliviano tem uma estrutura política e económica que marginaliza os setores sociais excluídos do poder e submete-se a políticas de dominação internacional.

“Uma outra marca forte de exclusão social é visível nos grupos étnicos”

Uma outra marca forte de exclusão social é visível nos grupos étnicos. Esta situação também tem sua origem no Estado colonial. Os habitantes eram divididos segundo sua “raça”. Imagine-se isto: um Estado que nasceu reconhecendo como cidadãos somente os descendentes do espanhol. O Estado, em 1952, quis incorporar os “camponeses”, obrigando-os a adotarem os modelos culturais “criollos-occidentales”, negando e desprezando a própria cultura.

“O reconhecimento de identidade multicultural e multi-étnica na Bolívia é muito recente”

O reconhecimento de identidade multicultural e multi-étnica na Bolívia é muito recente. Mesmo assim são escassos os sinais de uma ação pública para dar materialidade a esse reconhecimento. Um exemplo claro é a falta de uma política educacional que coloque em prática um sistema de educação bilingue e uma política agrária séria que seja capaz de reconhecer as terras comunitárias como propriedade legítimas dos povos nativos. Enquanto estas e outras necessidades não forem levadas a sério pelos órgãos competentes, a exclusão e a pobreza dos povos indígenas continuarão.

Creio mesmo que esta situação chegou ao extremo da sua tolerância. A presença dos actores sociais nos últimos acontecimentos do país vai demonstrando que eles têm capacidade política. Deixaram claro que as suas capacidades vão mais além do seu folclore. São capazes de se organizar politicamente para participar nas decisões políticas e económicas do país.

3. Mapa da Pobreza

“A pobreza afecta um terço da população”

A pobreza afecta um terço da população, isto é, dois em cada três bolivianos são pobres. Até 1992, a população boliviana agrupou-se em três grupos sociais distribuídos em percentagem por: indigentes 37%, pobres 34% e os mais favorecidos 29% da população. Os dados referem-se à dimensão urbana e rural. Se analisarmos a área rural a situação passa a alarmante. A percentagem de pobreza dispara para 95%. Em conclusão podemos afirmar que 95% dos camponeses bolivianos são pobres.

Dados sociais publicados recentemente mostram que na zona urbana quase 70% da população vive amontoada em precárias casas sem nenhuma condição higiénica. A situação é mais assustadora porque 66,5% destas casas

tem apenas uma divisão onde vive toda a família. 65% dessas pessoas têm graves deficiências educativas e 53% não têm acesso a nenhum centro de saúde. Na área rural, os dados apontam que 93% dos camponeses não têm acesso a água potável, a serviços sanitários, a energia elétrica. e a maioria da população rural produz alimentos só para seu próprio consumo. Em suma, a renda anual da maior parte dos cidadãos bolivianos não supera os 630 dólares.

O mapa da pobreza é mais visível nas seguintes actividades: agricultura, pequeno comércio, construção, serviços, manufacturado e transporte. Mas a maior incidência de indigentes provém do setor agropecuário não assalariado.

Segundo os especialistas, a zona rural é o setor onde se apresentam as maiores dificuldades de superação da pobreza. Os pobres do campo são pobres não somente em referência aos níveis de ingresso ou consumo de calorías, mas também, em termos de propriedades, de acesso aos recursos necessários para a produção e ausência de plena cidadania. Na verdade, estes cidadãos estão excluídos dos escassos benefícios de uma economia de livre mercado, inaugurado há 16 anos no país. A brecha entre os ricos e os pobres é cada vez maior e não há sinais de redução.

Tudo isso faz com que Bolívia seja o país mais pobre da América do Sul. Para alguns especialistas o erro está na elaboração do programa de desenvolvimento económico adoptado pelos antigos governos. A base de sustentação económica do país apenas estava concentrada no setor da exportação. Primeiro foi a exportação de minérios e depois a de gás natural. Este esquema gerou um estilo de desenvolvimento que não exigia distribuir recursos para alimentar o mercado de consumo interno. Isto favoreceu a construção de infraestrutura vial e o baixo desempenho da agricultura.

“Tudo isso faz com que Bolívia seja o país mais pobre da América do Sul”

4. Igreja particular de Santa Cruz

A população de Santa Cruz tem uma fisionomia particular de outras partes do país. Ela é fruto do encontro de povos e culturas que ainda conservam a sua própria identidade e a sua história. Dela fazem parte (cinco) grupos originários que viviam nas regiões baixas, o grupo dos que vieram de outras partes altas do país e o grupo dos estrangeiros. Toda esta realidade é uma riqueza, mas também é um grande desafio para a Igreja.

Sabemos que evangelizar é a tarefa fundamental da Igreja. Em sua contribuição, nas bases da Igreja de Santa Cruz, é notória a deficiência neste campo. O trabalho de alguns agentes de pastoral ainda se resume a uma fria administração dos sacramentos. Muitas homilias não chegam ao coração do povo, não assumem a vida nem as preocupações dos seus destinatários. As famílias, que são o lugar privilegiado da educação na fé e nos valores evangélicos, também estão a perder força nesta nobre tarefa. Em alguns colégios católicos o ensino religioso é precário. Algumas estruturas da Igreja, presa na sua antiga concepção, perdem a actualidade e fecham-se ao diálogo e à participação comunitária.

“Muitas homilias não chegam ao coração do povo”

Por outro lado, dentro dos limites da Arquidiocese, há muita gente que não está devidamente evangelizada. É visível a falta de uma presença eclesial e de uma ação dedicada de sacerdotes, de religiosas e de leigos comprometidos em vários setores da população. Grupos inteiros da cidade e do campo não são atendidos e esperam a Palavra do Senhor para iluminar as suas vidas. Por esta razão, muitas pessoas vão em busca de outras denominações religiosas, para satisfazer a sua inquietude religiosa, onde com frequência são enganadas, seduzidas ou manipuladas.

“Muitos ofuscam o verdadeiro sentido das festas e devoções populares com o excesso de venda de bebidas alcoólicas e objetos devocionais”

Em muitas das nossas celebrações nota-se ainda a apatia de algumas pessoas que assistem, mas não participam. Outras deixam-se levar pela emoção externa. Algumas exigem o sacramento não pela importância religiosa, mas pelo social e por necessidades de ter os documentos legalizados. Muitos ofuscam o verdadeiro sentido das festas e devoções populares com o excesso de venda de bebidas alcoólicas e objetos devocionais. Além disso, a maioria do povo tem pouco conhecimento do conteúdo bíblico e pastoral da liturgia eucarística.

Em algumas paróquias ainda se mantém um esquema centralizado, onde o sacerdote é quem decide tudo, os leigos apenas exercem o papel de ajudantes. Para muitas pessoas, o padre considera a paróquia como uma propriedade privada. Esta realidade é permitida porque os leigos não se sentem preparados para cumprir o seu papel junto do seu pároco. Eles têm consciência de que necessitam de uma formação adequada para compreender e responder a estes desafios. O mais grave é que não faltam aqueles que ainda têm dificuldades para aceitar que não há contradição entre hierarquia e carisma. Além disso, grande parte das tarefas eclesiais depende da ajuda económica externa. O sentido de pertencer à Igreja e a corresponsabilidade afectiva e efectiva de cada cristão está longe de ser uma realidade.

“Em muitas comunidades há ausência de serviços sociais”

Em muitas comunidades há ausência de serviços sociais. A maioria da população fica sem uma solução adequada e digna para as suas necessidades básicas. As comunidades não estão bem organizadas e os órgãos públicos existentes não cumprem com as suas obrigações. Os líderes cristãos são insuficientes e alguns não contam com o apoio da sua comunidade. Além disso, em muitos casos, confia-se muito na ajuda externa, não se apoiam programas e nem se geram recursos próprios. Há obras que por excessivo custo económica dificilmente serão assumidas pela Igreja.

5. Evangelização

Iguais a todos os países de América do Sul, os primeiros evangelizadores também chegaram aqui no mesmo navio juntos com os primeiros colonizadores. Os povos indígenas eram o alvo da evangelização. Algumas regiões ainda preservam as marcas dessa missão realizada pelos missionários da Companhia de Jesus. Nos antigos templos e obras sacras são visíveis a mistura de duas culturas distintas. Hoje tudo é parte da história e património da cultura do povo boliviano. São lugares indispensáveis no roteiro dos turistas que visitam o país.

Como qualquer evangelização da época, aqui ensinaram muitas coisas boas e também destruíram coisas importantes das suas culturas. A prova é que hoje mais de 80% da população se declara católica. A cifra pode até impressionar, mas apenas 20% frequentam esporadicamente as igrejas. Diante dessa realidade é urgente pôr em prática o pedido do Papa - uma nova evangelização para a América Latina.

Não podemos negar a fé deste povo. Mas creio que sem cometer os mesmos erros do passado, é necessário «purificar» mais o sentido do ser católico. Não estou a afirmar que a maneira de muitos manifestarem a sua fé está errada. Mais do que isso quero dizer que é preciso esclarecer melhor o que é essencial para viver a sua fé em Jesus. Tão pouco quero afirmar que a verdade absoluta está na Igreja católica. Respeito a pessoa e a sua crença, mesmo discordando de alguns aspectos do objeto da sua fé. O difícil é admitir que uma pessoa possa acreditar em dois valores opostos ao mesmo tempo, como absolutos. A presença de pessoas que vivem a sua fé assim dentro da Igreja Católica põe em risco a credibilidade da mesma. São pessoas vulneráveis. Surge um grande dilema: que fazer ou não fazer? Não me passa pela ideia expulsá-las. Sinto e vejo um campo onde temos que trabalhar muito para que tenham uma fé mais viva em Jesus Salvador e Libertador. Que esta fé os faça confiarem mais em si mesmos. É pouco a pouco os faça perceberem que a vontade de Cristo é que todo o crente seja ele mesmo, protagonista da sua própria libertação e história. Temos que parar de vender uma falsa imagem de que a Igreja Católica é forte e poderosa. Esta percepção de cristãos contribuiu para esta má imagem.

É certo que isto que escrevo não é nenhuma novidade nem o meu objectivo. O meu objectivo é apenas apresentar a realidade do «Projecto Bolívia». Isto mostra que nossa missão aqui é distinta de uma missão num país do continente asiático, por exemplo. Nunca trabalhei numa missão de primeira evangelização. Mesmo assim imagino que uma reevangelização é tão ou mais difícil que uma primeira evangelização. Vejo que temos dois trabalhos. Primeiro temos o trabalho de expulgar aquilo que não é essencial à fé católica. Segundo temos o trabalho de apresentar o que é o centro da nossa fé sem que isto afete a sua cultura. Porquê? Porque creio que evangelização não é apenas substituir alguns valores. É antes de tudo levar a pessoa a perceber que a oferta de Jesus é uma nova possibilidade de viver a sua cultura numa esfera onde ela própria é parte do processo de tudo aquilo que faz parte da sua vida, e não somente objecto desse processo. Na verdade é tomar consciência que Jesus é o centro. Uma vez consciencializada, a pessoa não terá mais dúvida que ela também é o centro com Jesus e em Jesus.

6. A nossa missão

Depois de um ano de missão, já aparecem os primeiros sinais de que somos um pouco diferentes da primeira equipe. Não temos dinheiro e queremos que todos trabalhem para a comunidade sem remuneração ou favores. No início sentimos da parte de algumas pessoas uma certa rejeição. Apesar

“Diante dessa realidade é urgente pôr em prática o pedido do Papa - uma nova evangelização para a América Latina”

“imagino que uma reevangelização é tão ou mais difícil que uma primeira evangelização”

da dificuldade, adoptámos uma maneira de trabalho um pouco diferente e menos centralizada. O difícil é convencê-los de que eles também são parte da missão e do processo, que temos de tomar as decisões juntos e assumirmos as consequências também juntos. Digo isto porque para a maioria das pessoas a Igreja é do padre e a sua relação com ela é apenas comercial.

Nos seus escritos, o Pe. Libermann dizia que temos que ter como meta ajudar a organizar a Igreja de Cristo onde ela não existe. Na nossa paróquia até temos algumas igrejas construídas, mas apenas o templo. O grande desafio agora é a formação da Igreja viva. Para isso necessitamos de pessoas que se disponham a assumir a sua Igreja e de recursos para a formação das mesmas. Certos de que este é o caminho deparamo-nos com alguns obstáculos, como o analfabetismo, a baixa auto-estima, a falta de coerência, o acreditar em si mesmo, a discriminação, a migração, a miséria, a falta de trabalho, etc.

Não afirmo que toda a cidade de Santa Cruz vive esta mesma realidade. Falo a partir da realidade da periferia, onde está localizada a nossa paróquia. As pessoas que aqui vivem vieram de toda parte do país. Todos vieram em busca de uma vida melhor para a família. E para muitas delas o sonho de uma vida digna para todos transformou-se num pesadelo. Além de perderem a sua raiz cultural, o seu povo e as poucas coisas que tinham, na cidade, também perderam a família. Muitos pais transformaram-se em alcoólicos, os filhos perderam-se nas drogas e converteram-se em delinquentes.

A miséria desta gente é em todo os sentidos. Creio que foi a miséria económica que desencadeou uma série de outros fatores. Um deles é a sua baixa auto-estima. As pessoas já não acreditam em mais nada, principalmente em si mesmas. A aventura de uma vida melhor na cidade foi frustrada. Os adultos são, na sua maioria, analfabetos. Os pais não encontram um trabalho estável. Apenas 5% têm uma remuneração mensal segura. As mulheres são quem praticamente sustentam a família. Trabalham nos mercados populares ou são vendedoras ambulantes. Os jovens estão quase todos fora do mercado de trabalho.

Não podemos esperar outra coisa desta gente a não ser os seus lamentos e desesperos. São estas as pessoas que temos diante de nós para formar a Igreja de Cristo. Frente a isto somos tentados a fazer como os nossos irmãos pentecostais, católicos ou evangélicos, apresentar a figura de um Cristo que vem ao encontro da pessoa para ajudar a suportar todo tipo de sofrimento sem se lamentar ou desesperar. Apresentar um Cristo que não concorda com esta situação, não é uma tarefa simples. Quando dizemos que é necessário lutar juntos para que alcancemos uma vida digna, temos a sensação de que o nosso discurso é vazio, porque as pessoas já não têm mais estímulo para reagir.

Para alguns teólogos, o primeiro passo é recuperar a auto-estima das pessoas. Não é possível exigir algo de quem não acredita em si mesmo. É claro que a evangelização não é uma coisa à parte. Mas, para que a evangelização seja eficaz é preciso mostrar que cada um é importante e necessário para a vida da Igreja de Cristo.

Outro desafio é a religiosidade popular. Esta é uma marca forte na cul-

“São estas as pessoas que temos diante de nós para formar a Igreja de Cristo”

tura boliviana. Posso até estar equivocado, mas sinto que a maioria das pessoas têm mais fé nos objetos de devoções, como água benta, imagens de santos e virgens do que em Jesus. É uma fé muito particularizada numa dimensão vertical. Cada família tem a sua santa, quer uma missa particular em casa, seja para algum parente falecido ou seja para sua Virgem de devoção. As festas, na verdade, é mais um motivo para tomar bebidas alcoólicas do que por questão de fé. O mesmo acontece numa missa particular para defunto. Pode ocorrer que uma mãe, ao terminar de baptizar o seu filho, peça ao padre para derramar água benta na cabeça da criança, porque vale mais a água benta do que a água do baptismo, apesar de que seja a mesma água. O grande desafio é descobrir como aproveitar certos costumes e tradições para transformá-los em elementos positivos num processo de evangelização libertadora.

“O grande desafio é descobrir como aproveitar certos costumes e tradições para transformá-los”

BIBLIOGRAFIA

SEGUNDO SÍNODO ARQUIDIOCESANO (2001). *Igreja de Santa Cruz de la Sierra*. Santa Cruz.

IRIARTE, Gregorio, O.M.I. (2002). *Análisis Crístico de la Realidad*. Compendio de datos actualizados. 14^a ed. Cochabamba.

